

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 1201

Data: 05/01/90

Pg.: _____

Lavras serão esvaziadas pacificamente

O ministro da Justiça informou que dentro de uma semana terá início oficialmente a operação de retirada dos garimpeiros que invadiram a reserva indígena dos Yanomani, em Roraima. Acrescentou que não há um prazo estabelecido para seu término, uma vez que tudo será feito sem violência.

São cerca de 15 mil garimpeiros que terão de ser recolocados.

Saulo Ramos disse que já há funcionários da Polícia Federal na área tentando convencer os garimpeiros a afastar-se pacificamente. O ministro declarou que até agora os contatos com as lideranças dos garimpeiros têm sido proveitosos e os indícios são de que a "Operação Yanomani" transcorrerá pacificamente.

O ministro explicou que, se houver dificuldades, o governo recorrerá à Justiça para ter apreendido o material dos garimpeiros recalcitrantes. Romeu Tuma refutou um repórter que perguntou se a Polícia Federal estava preparada para "uma operação de guerra" na reserva indígena. "Nós não vamos participar de nenhuma guerra", disse Tuma.

Prometem resistência

BOA VISTA — Os garimpeiros estão dispostos a "lutar de todas as formas" para não serem expulsos da reserva Yanomani, pela Polícia Federal. A situação era de muita tensão ontem no sindicato da categoria em Roraima, onde vários garimpeiros buscavam alguma informação com seus dirigentes. Os garimpeiros afirmam que querem apenas trabalhar sossegado e que não sairão facilmente dos garimpos, quando for iniciada a operação conjunta feita pela Polícia Federal e a Força Aérea Brasileira (FAB), marcadas para este domingo, dia 7.

"Não queremos uma guerra, mas faremos uma se for necessária. Podemos até ser presos depois, mas não deixaremos que nos retirem. O governo federal e esses padres mentirosos têm que aprender que garimpeiro é trabalhador e não matador de índio. Ao contrário, nós ajudamos os Yanomani nas aldeias. Para onde o garimpeiro for, o índio vai atrás, porque depende dele para sobreviver".

Garimpeiros e Yanomani fogem juntos da polícia

BOA VISTA — A Funai não conseguiu iniciar, na prática, a operação de combate a malária nas áreas indígenas onde habitam os yanomani, a última nação primitiva do Brasil. O motivo: não havia índio para os técnicos colherem sangue e fazer as lâminas e para receber os primeiros socorros. Quando o pessoal da Funai, os médicos e enfermeiros chegaram a Surucucus e Paapiu, encontraram apenas algumas pessoas. A maioria dos índios havia tomado o mesmo rumo dos garimpeiros, fugindo para longe dos postos.

A explicação para o fato é simples: em contato direto com os garimpeiros há mais de dois anos, os índios são hoje totalmente dependentes das cantinas e das cozinhas existentes nas pistas. E lá que eles são alimentados e recebem outros cuidados. Tão logo os garimpeiros começaram a fugir, com medo da Polícia Federal, os índios levantaram acampamento e fugiram junto. Muitos índios já estão completamente integrados, trabalhando nos garimpos, em troca de comida, roupa e outros favores. Há garimpeiros, inclusive, que já dominam uma maloca inteira. José Macedo Matos, por exemplo, comprou ontem, em Boa Vista, centenas de camisetas, calções e tênis. Perguntado para quem ele daria o material, Matos foi objetivo: "Para os meus índios".

O fiasco da operação empreendida pela Funai já no seu primeiro dia teve lance pitorescos. No Paapiu, onde estão localizados o posto médico e uma grande quantidade de barracos de garimpeiros, o ambiente era deserto. As equipes foram recebidas apenas por um técnico da Funai e por dois guardas da Sucam. Eles estavam lá há vários dias, sem trabalhar, porque não foi providenciado um gerador para alimentar os aparelhos, como um sofisticado microscópio, onde são feitos os arames das lâminas que contêm o sangue colhido dos índios e garimpeiros. Os únicos índios, aliás, existentes no Paapiu, eram aqueles levados pela Funai e que estavam na Casa do Índio, em Boa Vista, completando o tratamento médico.

No posto de Surucucus, região onde vivem mais de três mil yanomani, a situação era pior ainda.